



ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA LUSO-BRASILEIRA SOBRE TELETRABALHO FEMININO

ANALYSIS OF PORTUGUESE-BRAZILIAN SCIENTIFIC LITERATURE ON FEMALE TELEWORK

DOI: 10.5281/zenodo.23074237



José Nilton Fuzaro Brizante¹
Camila Carneiro Dias Rigolin²

RESUMO

Este estudo quali-quantitativo analisa a produção científica luso-brasileira sobre teletrabalho e gênero, a partir de um *corpus* de 33 artigos indexados na base *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). A pesquisa mapeou o perfil temporal, editorial e de autoria das publicações, identificando um crescimento expressivo da produção a partir de 2020, em correlação com a pandemia da COVID-19. Os resultados evidenciam a hegemonia de periódicos brasileiros e uma elevada descentralização editorial, confirmando a natureza multidisciplinar do debate. Constatou-se o protagonismo feminino na condução das pesquisas, com predominância massiva de mulheres tanto na autoria total quanto na liderança (*primeira autoria*). As investigações revelam que, embora o teletrabalho ofereça potencial de flexibilidade, as temáticas predominantes enfatizam os desafios relacionados à sobrecarga de trabalho, à conciliação entre esferas produtiva e reprodutiva e às assimetrias de gênero que persistem no mercado laboral. Conclui-se destacando a necessidade de futuras pesquisas voltadas à formulação de políticas públicas e estratégias organizacionais que promovam a equidade de gênero no cenário pós-pandêmico.

Palavras-chave: mulheres; teletrabalho; trabalho remoto; *home office*; gênero; bibliometria.

1 Mestre em Gestão de Organização e Sistemas Públicos. Universidade Federal de São Carlos, UFSCar. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade. Universidade Federal de São Carlos, UFSCar. E-mail: jnfbrizante@gmail.com.

2 Doutora em Política Científica e Tecnológica. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Professora do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar. E-mail: diasrigolin@ufscar.br.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 10 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





ABSTRACT

This qualitative-quantitative study analyzes Portuguese-Brazilian scientific output regarding telework and gender, based on a corpus of 33 articles indexed in the Scientific Electronic Library Online (SciELO) database. The research mapped the temporal, editorial, and authorship profiles of the publications, identifying significant growth in output starting in 2020, correlated with the COVID-19 pandemic. The results highlight the dominance of Brazilian journals and a high degree of editorial decentralization, confirming the multidisciplinary nature of the debate. A prominent role for women in conducting the research was observed, with a vast predominance of women in both total authorship and leadership roles (first authorship). The studies reveal that, although telework offers potential for flexibility, the prevailing themes emphasize challenges related to work overload, the reconciliation of productive and reproductive spheres, and gender asymmetries persisting in the labor market. The study concludes by highlighting the need for future research aimed at formulating public policies and organizational strategies that promote gender equity in the post-pandemic landscape.

Keywords: women; telework; remote work; home office; gender; bibliometrics

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi orientada pela seguinte questão: quais são as características da produção científica e os perfis de autoria nos artigos que abordam a temática de teletrabalho e gênero, publicados em periódicos do Brasil e de Portugal, indexados na biblioteca digital SciELO (*Scientific Electronic Library Online*). O corpus de análise foi composto por 33 artigos científicos recuperados na plataforma SciELO até o ano de 2025.

Para responder a este problema, o estudo objetivou analisar a literatura científica luso-brasileira sobre a temática, investigando o perfil bibliométrico, as dinâmicas de autoria e as escolhas metodológicas das pesquisas. Especificamente, buscou-se mapear e discutir os seguintes aspectos do corpus: a) a evolução da série temporal das publicações; b) a distribuição por país de origem dos periódicos; c) a distribuição idiomática da produção; d) a dispersão editorial entre os periódicos; e) a distribuição total e de primeira autoria segundo o gênero; f) o número de autores por manuscrito e a frequência dos arranjos de colaboração; g) o cruzamento entre gênero e padrões de autoria ao longo dos períodos (pico pandêmico e consolidação pós-pandemia); e h) as abordagens e grandes grupos de estratégias metodológicas empregados.





Antes da deflagração da crise sanitária ocasionada pela COVID-19, em 2019, o percentual de trabalhadores em Portugal atuantes na modalidade de teletrabalho situava-se abaixo de 10%. No curso do período pandêmico, tais índices registraram ápice de 11,3% em 2021, arrefecendo para 10,7% em 2022 e 10% em 2023, se restabelecendo-se e mantendo uma estabilização entre 12,1% e 12,4% nos anos de 2024 e 2025 (EUROSTAT, 2026).

De maneira análoga, no cenário brasileiro, o trabalho remoto já apresentava trajetória de expansão nos setores de serviços e tecnologia no período pré-pandêmico, vindo a abranger aproximadamente 11% da população ocupada no decorrer da emergência sanitária, até sua posterior consolidação em formatos híbridos na estrutura laboral contemporânea (CASTRO; ARAÚJO; KREIN, 2024). Sob uma perspectiva histórica, a incidência do trabalho remoto no Brasil mais que duplicou ao longo de uma década, elevando de 3,6% em 2012 para 8,5% em 2022, com um leve recuo para 8,3% em 2023, sendo importante destacar que nestes dados não estão inclusos servidores públicos e trabalhadores domésticos. (NAKAMURA, 2024).

Porém, mesmo considerando que estes novos arranjos de trabalho ampliam a possibilidade de acesso das mulheres ao mercado de trabalho, segundo a literatura, o impacto do teletrabalho não é neutro nas questões de gênero. O teletrabalho é apresentado como uma modalidade com potencial de promover o equilíbrio e flexibilidade entre a vida profissional e pessoal, ao passo que também pode reforçar e sobrepor responsabilidades para o gênero feminino, situação que é historicamente e culturalmente reproduzida em nossa sociedade. Ainda que os novos arranjos flexíveis e o modelo híbrido ofereçam oportunidades para a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a literatura aponta que a transição do trabalho produtivo para o espaço doméstico tende a sobrepor e intensificar atribuições históricas de cuidado e gestão do lar, agravando conflitos entre a vida pessoal e a profissional (ATKINSON, 2022; MAGALHÃES *et al.*, 2020).

Frente ao exposto, justifica-se a proposição de pesquisas que apliquem os métodos dos estudos bibliométricos à análise da produção científica sobre o teletrabalho feminino. Esta abordagem permite mapear epistemológica e quantitativamente o campo de conhecimento sobre um fenômeno social cujo impacto não é neutro em termos de gênero. Nesse contexto, a





análise bibliométrica atua como um diagnóstico estruturado que organiza a expansão dessa produção acadêmica, especialmente a partir da crise sanitária de 2020, quando a adoção compulsória do teletrabalho deflagrou uma onda de investigações focadas na saúde mental, na rotina de docentes e na sobrecarga decorrente da tripla jornada.

Além do mapeamento temático, ao mensurar e cruzar indicadores de autoria, os levantamentos bibliométricos podem revelar quem detém o protagonismo no debate, em termos de gênero, origem institucional, áreas e subáreas de conhecimento e/ou revelar uma agenda multidisciplinar, ao passo em que consolida evidências para orientar o desenho de pesquisas futuras e subsidiar políticas públicas voltadas à equidade de gênero no mundo do trabalho. Visando analisar de forma abrangente essa produção acadêmica, o presente estudo está estruturado em cinco seções: além desta Introdução, apresenta-se uma Síntese Conceitual; os Procedimentos Metodológicos; a Análise e Discussão dos Resultados; e, por fim, as Considerações Finais.

2. CONCEITUAÇÃO

Em sua essência, o teletrabalho consiste na realização de atividades à distância com o suporte das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), redefinindo pilares tradicionais como o tempo fixo e o espaço físico de trabalho (ROSENFELD; ALVES, 2011; ARAÚJO *et al.*, 2019). O debate teórico em torno do teletrabalho apresenta múltiplas abordagens nas literaturas nacional e internacional. Historicamente, suas formulações iniciais mantiveram-se atreladas à busca por alternativas aos congestionamentos viários e à poluição urbana nos grandes centros, além de figurarem como uma estratégia corporativa de redução de custos com locação imobiliária (NILLES, 1988). Com o avanço tecnológico, novas dimensões foram incorporadas ao conceito, destacando-se a busca por flexibilidade por parte dos trabalhadores. Desse modo, para além das motivações ambientais e econômicas, a temática impulsionou a emergência de novos arranjos de trabalho, como o formato híbrido, reconfigurando a própria dinâmica do mercado de trabalho contemporâneo.





No campo conceitual, observa-se uma distinção terminológica e de ênfase nas diferentes tradições acadêmicas. Enquanto na literatura norte-americana predomina o termo *telecommuting*, focado na eliminação do deslocamento físico entre a residência e o local de trabalho, nas tradições europeia e brasileira consolida-se a expressão teletrabalho (ou *teleworking*), cujo foco recai sobre a mediação tecnológica na execução da atividade laboral (BARUCH, 2001; ROCHA; AMADOR, 2018; ARAÚJO *et al.*, 2019; KULAK; TÜZÜNER, 2020). Apesar das especificidades, ambas as abordagens convergem ao desvincular o exercício profissional da obrigatoriedade da presença física em um local predeterminado. Sob uma perspectiva histórica, a flexibilização das jornadas e a descontinuidade espacial possuem antecedentes relevantes. Precedentes pioneiros remontam à Alemanha na década de 1960, quando o setor aeroespacial adotou horários adaptáveis em 1967 para mitigar custos de transporte de colaboradores, dinâmica que culminaria, décadas depois, na regulamentação fixada pela Lei do Tempo de Trabalho de 1994 (KULAK; TÜZÜNER, 2020).

Historicamente, contudo, a maioria dos trabalhadores permanecia vinculada a um único espaço físico devido à impossibilidade de dispersão das ferramentas de trabalho (GRAVE, *et al.*, 2024). Essa realidade começou a ser reconfigurada na década de 1970. Em 1973, o ex-engenheiro da NASA Jack Nilles cunhou o termo “teletrabalho” ao propor a substituição do transporte físico pela telecomunicação (NILLES, 1988; OURO, 2022), debate complementado em 1979 por Frank Schiff por meio do conceito de *flexplace*. Como destacam Rocha e Amador (2018), o interesse por essas modalidades expandiu-se no contexto da crise energética do período, sendo continuamente impulsionado pela evolução técnica e pelo barateamento do maquinário computacional (OURO, 2022).

Cumpre diferenciar, por fim, o teletrabalho do conceito de *home office*. Conforme aponta Lantyer (2020), o *home office* constitui uma modalidade circunscrita estritamente ao domicílio do trabalhador, mostrando-se estratégica sobretudo em cenários emergenciais, ao passo que o teletrabalho abrange qualquer atividade profissional realizada fora da sede da organização, exigindo, obrigatoriamente, a mediação por TICs. Ao analisar essas dinâmicas, a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2017) ressalta uma ambivalência central: se por





um lado as tecnologias viabilizam flexibilidade e ganhos de produtividade, por outro podem ensejar a intensificação do trabalho, a dilatação das jornadas e o acirramento dos conflitos entre a vida profissional e as demandas familiares.

Ao longo da vida, os indivíduos desempenham múltiplos papéis nas esferas pessoal e profissional, sendo o equilíbrio entre tais dimensões uma tarefa complexa que frequentemente gera conflitos de papéis (GRAVE, *et al.*, 2024). Pesquisas como as de Atkinson (2022) e Magalhães *et al.* (2020) evidenciam que, a despeito da percepção de independência, flexibilidade e autonomia proporcionada pelo teletrabalho, as atribuições tradicional e culturalmente associadas ao gênero feminino tendem a intensificar a sobrecarga de trabalho e reforçar a assimetria de responsabilidades atribuídas às mulheres.

A trajetória da pesquisa acadêmica sobre gênero e teletrabalho evoluiu significativamente, partindo do foco na viabilidade técnica na década de 1990, para a análise contemporânea das complexas fronteiras entre as esferas profissional e privada. A literatura mais recente enfatiza essa ambivalência estrutural do teletrabalho sob o prisma de gênero. Por um lado, ao viabilizar a gestão simultânea das demandas domésticas e do trabalho de cuidado, atribuições que ainda recaem desproporcionalmente sobre as mulheres, a modalidade costuma ser percebida pelo público feminino como um recurso favorável à conciliação entre as esferas familiar, pessoal e profissional, o que impulsiona a preferência pelo trabalho remoto. Por outro lado, a maior permanência no espaço domiciliar aprofunda vulnerabilidades funcionais, como a invisibilização profissional, o isolamento social e o comprometimento da saúde física e mental. Essa dualidade demonstra que o potencial emancipatório do teletrabalho em prol da igualdade de gênero depende, fundamentalmente, de diretrizes e políticas institucionais capazes de mitigar seus riscos e assegurar condições equitativas de trabalho (GRAVE, *et al.*, 2024).

Análises como a de Gajendran e Harrison (2007), demonstram que, embora o teletrabalho aumente a satisfação e o equilíbrio vida-família, esses benefícios podem ser mais evidentes em níveis moderados de trabalho e mitigados em regimes de alta intensidade. Complementarmente, Bailey e Kurland (2002) introduziram uma perspectiva crítica ao





identificar um viés de gênero da modalidade, notando que homens tendem a priorizar a produtividade, enquanto mulheres frequentemente o utilizam para conciliar demandas domésticas, uma dinâmica associada à percepção de flexibilidade, facilitadora para a inserção feminina no mercado. Contudo, essa flexibilidade é um "faca de dois gumes", frequentemente resultando na erosão do tempo de lazer e na intensificação da segunda jornada" (SULLIVAN e LEWIS, 2001), onde mulheres sincronizam tarefas domésticas e laborais, enquanto homens mantêm fronteiras mais rígidas, por terem carga menor ou nula de tarefas domésticas e cuidados parentais.

Com o advento da pandemia de Covid-19, o teletrabalho forçado intensificou a carga de cuidados familiares e domésticos, evidenciando o risco de precarização do trabalho feminino e o fortalecimento de papéis tradicionais de gênero (ÇOBAN, 2021). Este cenário complexo obriga a analisar a natureza dual do teletrabalho, que oferece benefícios para o equilíbrio cotidiano, mas impõe riscos para a progressão na carreira a longo prazo. Gálvez, Tirado e Martínez (2020) ressaltam que, para ser uma ferramenta de igualdade de gênero, o teletrabalho exige que as culturas organizacionais abandonem o “presencialismo” e enfrentem as estruturas sociais que sobrecarregam as mulheres.

A literatura acadêmica divide esta discussão em dois eixos sobrepostos: o equilíbrio entre vida profissional e pessoal e a progressão na carreira. No primeiro eixo, o trabalho flexível é vital para a manutenção da carga horária de mães (CHUNG e VAN DER HORST, 2020), mas pode, paradoxalmente, cristalizar papéis de gênero, incentivando a mulher a assumir mais tarefas domésticas. O segundo eixo foca na progressão na carreira e no chamado “viés de proximidade”, que se manifesta como menos promoções e aumentos salariais menores para teletrabalhadores, se comparados aos que trabalham presencialmente.

O estudo de Bloom *et al.* (2023) demonstrou que a produtividade no trabalho remoto não se traduz em reconhecimento, com taxas de promoção 50% menores. Esse abismo é agravado pelo “estigma da flexibilidade” (CHUNG e SEO, 2024), baseado na crença de que profissionais remotos são menos comprometidos, o que favorece o colaborador fisicamente presente. A nível psicológico, o teletrabalho pode minar a autoconfiança por meio do





"Conflito do Duplo Ideal", que força a mulher a ser a "trabalhadora ideal" e a "mãe ideal", resultando em fragmentação cognitiva. A redução de *feedback* no teletrabalho afeta mais as mulheres, alimentando a necessidade de "presenteísmo digital" para sinalizar produtividade, o que causa exaustão e reduz o tempo de planejamento e pensamento estratégico.

Para mitigar estes vieses e possibilitar a transição de modelos informais para estruturas organizacionais altamente formalizadas de teletrabalho, estratégias-chave incluem o "hibridismo estruturado" de Bloom *et al.* (2023), que reduz o viés de proximidade e visibilidade ao exigir que todos compareçam ao escritório em dias específicos e coordenados, garantindo o contato presencial essencial para o avanço das mulheres. O modelo ROWE (*Results-Only Work Environments*), proposto por Moen, Fan e Kelly (2013), combate o viés presenteista ao focar unicamente na entrega de objetivos, protegendo aquelas que precisam se desconectar em horários fixos. No nível institucional, Bohnet (2016) recomenda auditorias de desempenho e promoção para monitorar a paridade entre remotos e presenciais, forçando a liderança a justificar disparidades. Por seu turno, Chung e Seo (2024) defendem a normalização do trabalho flexível para homens, para neutralizar o viés de gênero do trabalho remoto, mais comum entre mulheres que recorrem a esta modalidade em busca de conciliação entre trabalho e família.

Ao examinar a adesão de servidoras públicas ao teletrabalho, Aguiar *et al.* (2022) demonstram que a opção feminina por esse formato ocorre, em grande medida, como uma estratégia de viabilização da gestão das tarefas de cuidado, sobretudo no tocante à atenção e à disponibilidade contínua aos dependentes. Contudo, sob a ilusão de flexibilidade, observa-se frequentemente a sobreposição de papéis e o deslocamento da atividade profissional para horários alternativos, como madrugadas e finais de semana, com o intuito de compensar as interrupções domésticas diurnas e atingir as metas institucionais de produtividade. Consolida-se, assim, um arranjo paradoxal no qual a satisfação com a flexibilidade coexiste com a ampliação da jornada de trabalho e com a manutenção dos papéis tradicionais de gênero no espaço doméstico (AGUIAR *et al.*, 2022).





Há amplas evidências na literatura sociológica de que a sobreposição entre as esferas pública e privada promovida pelo trabalho domiciliar expõe as assimetrias estruturais na gestão do tempo entre os gêneros (VICENTE; ROTENBERG, 2023). Longe de constituir um recurso neutro, o tempo atua como um intermediador de poder e negociação; nele, o tempo de descanso e a disponibilidade profissional das mulheres sofrem fragmentação em decorrência da sobrecarga das tarefas reprodutivas e do esgotamento mental associado à gestão doméstica (BRYSON, 2016; OFFER; SCHNEIDER, 2011; VICENTE; ROTENBERG, 2023). Essa dinâmica reafirma os princípios hierárquicos e de separação da divisão sexual do trabalho (HIRATA; KERGOAT, 2007), consolidando barreiras verticais para a progressão de carreira (teto de vidro) e evidenciando a profunda interdependência entre a esfera produtiva e a reprodução social (SORJ, 2000; VICENTE; ROTENBERG, 2023).

Na próxima seção, serão demonstrados de forma detalhada os procedimentos metodológicos utilizados para o mapeamento e análise de artigos luso-brasileiros sobre teletrabalho e gênero, publicados em periódicos brasileiros e portugueses disponíveis na biblioteca digital SciELO (*Scientific Electronic Library Online*).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta investigação caracteriza-se como um estudo de método misto, que articula uma análise quantitativa dos dados, a identificação e análise de parâmetros bibliométricos, juntamente com uma análise qualitativa de conteúdo dos artigos selecionados, através de leitura da introdução e seção metodológica, para identificação de suas temáticas e das estratégias de pesquisa aplicadas nos estudos.

A bibliometria caracteriza-se pela metodologia através da utilização de uma abordagem matemática e estatística voltada à quantificação da produção científica em determinado campo do conhecimento (CHUEKE; AMATUCCI, 2015). Conforme destacam Chueke e Amatucci (2015), esta abordagem permite a identificar comunidades de pesquisadores, buscando o entendimento sobre suas motivações, auxiliando na possibilidade





de identificação e sistematização do aprimoramento do conhecimento através de indicadores estruturados. Neste sentido, o método ressalta as lacunas conceituais, ao passo que ampara os estudos comparados, colaborando para a evolução gradual e contínua do conhecimento (CHUEKE; AMATUCCI, 2015).

A coleta de dados foi realizada na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), plataforma de indexação de periódicos científicos que, desde 1997, submete publicações a critérios rigorosos de qualidade, incluindo o caráter científico do material, o rigor bibliográfico, a diversidade institucional e o impacto das citações (FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2024), razões que justificam a seleção de periódicos abrigados nesta plataforma para a coleta dos artigos científicos.

A estratégia de busca, realizada em março de 2026, empregou operadores booleanos com as seguintes combinações de termos: “Teletrabalho AND gênero”, “Teletrabalho AND mulheres”, “Trabalho remoto AND gênero”, “Trabalho remoto AND mulheres”, “*Home office* AND gênero” e “*Home office* AND mulheres”. Foram recuperados artigos científicos publicados em periódicos brasileiros e portugueses sobre teletrabalho feminino e/ou teletrabalho e gênero, sem aplicação de filtro temporal, com filtro de coleções – “Brasil” e “Portugal”. Esta etapa resultou na identificação inicial de 65 artigos. O processo de triagem consistiu na eliminação de duplicatas, exclusão de trabalhos indisponíveis em acesso aberto e verificação de aderência ao escopo da pesquisa. Após a leitura de título, resumo e palavras-chave, e, quando necessário, da introdução do trabalho, foram identificados 17 registros, resultando em um *corpus* preliminar de 48 registros.

Visando assegurar a robustez da coleta, realizou-se uma etapa de validação em abril de 2026. Utilizou-se a mesma base de dados (SciELO, coleções Brasil e Portugal), prescindindo de filtros temporais ou operadores booleanos. A busca, realizada com os termos “Teletrabalho”, “Trabalho remoto” e “*Home office*”, recuperou 145 registros. Após a remoção de duplicatas e a análise de pertinência temática, observou-se a inclusão de apenas 02 registros inéditos em relação à primeira etapa, totalizando 50 trabalhos. Submetidos a uma nova triagem de aderência ao escopo da pesquisa, excluíram-se 17 artigos, consolidando o



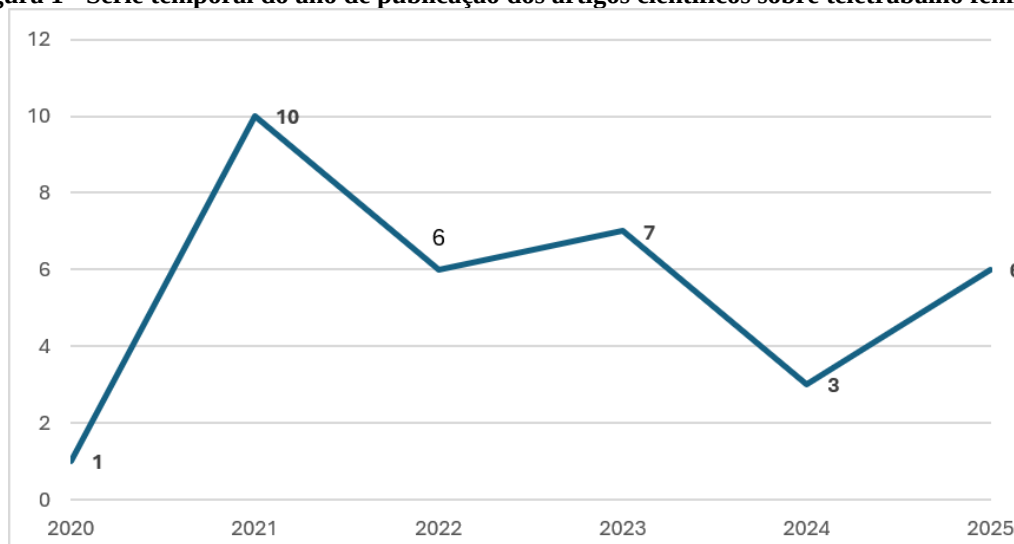


corpus final de 33 artigos científicos. Essa dupla checagem contribuiu com a redução do risco de viés de seleção, mitigando o silêncio documental decorrente de variações terminológicas, permitindo validar a saturação do corpus bibliográfico recuperado. Na próxima seção, serão demonstrados e discutidos os resultados obtidos na referida pesquisa bibliográfica.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A base de dados analisada compreende 33 artigos científicos publicados entre 2020 e 2025. A produção é majoritariamente brasileira, com publicações concentradas em periódicos de excelência na área de Saúde Coletiva e Educação. Sobre a dinâmica temporal da produção científica, observou-se que o pico de publicações ocorreu no biênio 2022-2023, concentrando aproximadamente 39% da amostra total, referente a 13 artigos, refletindo o tempo de maturação das pesquisas iniciadas no auge da pandemia de COVID-19. Já no biênio 2024-2025, observa-se a manutenção do interesse temático, com 09 artigos registrados, que correspondem a aproximadamente 27% da amostra total, indicando a consolidação do tema como campo de estudo permanente, conforme dados consolidados na Figura 1.

Figura 1 - Série temporal do ano de publicação dos artigos científicos sobre teletrabalho feminino



Fonte: Elaborado pelos autores (2026)



Quanto à concentração geográfica (Tabela 1), observa-se uma hegemonia do Brasil, assumindo protagonismo ao responder por 26 artigos publicados em 19 periódicos, enquanto Portugal contribui com 07 artigos distribuídos em 06 periódicos. Quanto ao idioma dos artigos sobre teletrabalho feminino, a produção acadêmica é majoritariamente lusófona, com 25 artigos em português, seguidos por 06 em inglês e 02 em espanhol (Tabela 2).

Tabela 1 - Distribuição dos periódicos e artigos sobre teletrabalho feminino por país de origem

País de origem do periódico	Número de periódicos	Número de artigos
Brasil	19	26
Portugal	6	7
Total	25	33

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

Referente aos idiomas dos artigos científicos sobre teletrabalho identificados, verifica-se que a maior proporção é de origem lusófona, com o português representando aproximadamente 76%, seguido pelo inglês com aproximadamente 18% e o espanhol com aproximadamente 6% do total dos trabalhos localizados, conforme detalhado na Tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição dos artigos científicos sobre teletrabalho feminino por idioma

Idioma	Número de artigos
Português	25
Inglês	6
Espanhol	2
Total	33

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

A análise de dispersão das publicações (Tabela 3) apresenta um cenário de acentuada descentralização editorial. Embora os periódicos *Psico-USF* e *Trabalho, Educação e Saúde* liderem o volume de produção com 03 artigos cada, a característica predominante do campo é a pulverização, uma vez que 19 dos 33 títulos listados registraram apenas 01 publicação. A literatura sobre teletrabalho feminino não está concentrada em poucos títulos, mas espalhada por uma ampla gama de publicações científicas. Essa alta dispersão editorial confirma a





natureza multidisciplinar da pesquisa sobre teletrabalho feminino, que abarca áreas como Saúde, Educação, Psicologia, Sociologia e Administração.

Tabela 3 - Número de artigos sobre teletrabalho feminino publicados por periódico

Título do periódico	Número de artigos
Psico-USF	3
Trabalho, Educação e Saúde	3
Ciência & Saúde Coletiva	2
Educação em Revista	2
Laboreal	2
Sociedade e Estado	2
Acta Paulista de Enfermagem	1
Caderno CRH	1
Cadernos EBAPE.BR	1
Escola Anna Nery	1
Ex aequo	1
Forum Sociológico	1
<i>New Trends in Qualitative Research</i>	1
Physis: Revista de Saúde Coletiva	1
Revista Brasileira de Ciências Sociais	1
Revista Brasileira de Educação Médica	1
Revista Brasileira de Enfermagem	1
Revista Brasileira de Estudos de População	1
Revista Brasileira de Saúde Ocupacional	1
Revista de Administração de Empresas	1
Revista Estudos Feministas	1
Revista Portuguesa de Educação	1
Revista Psicologia	1
Revista Psicologia Organizações e Trabalho	1
Revista Serviço Social & Sociedade	1
Total	33

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

A Tabela 4 e a Figura 2 trazem dados comparativos e complementares da relação entre autoria e gênero nos artigos sobre teletrabalho feminino. O conjunto de dados compreende um universo de 132 autores totais e 33 primeiros autores. Há uma disparidade significativa entre a participação feminina e masculina na produção acadêmica analisada. Na análise comparativa de autoria, o gênero feminino apresenta a maior representatividade com 109 autores no total e





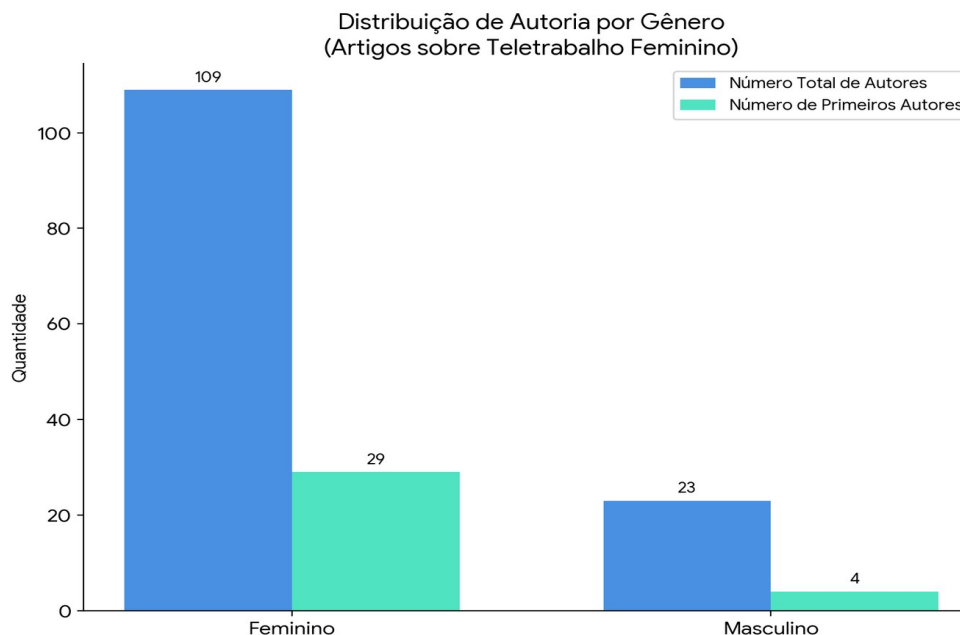
29 pesquisadoras atuando como primeiras autoras. O gênero masculino registra uma participação menor, totalizando 23 autores, dos quais apenas 04 figuram como primeiros autores. Os dados revelam que a predominância feminina é massiva em ambas as categorias. As mulheres representam aproximadamente 82,5% do total de autores e 87,8% dos primeiros autores na amostra analisada. A proporção de mulheres como primeiras autoras (n=29) em relação ao total de primeiros autores (n=33) reforça o protagonismo feminino e sugere liderança no tema específico do teletrabalho feminino.

Tabela 4- Distribuição dos autores por gênero

Gênero dos autores	Número total de autores	Número de primeiros autores
Feminino	109	29
Masculino	23	4
Total	132	33

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

Figura 2 - Relação autor x gênero nos artigos sobre teletrabalho feminino



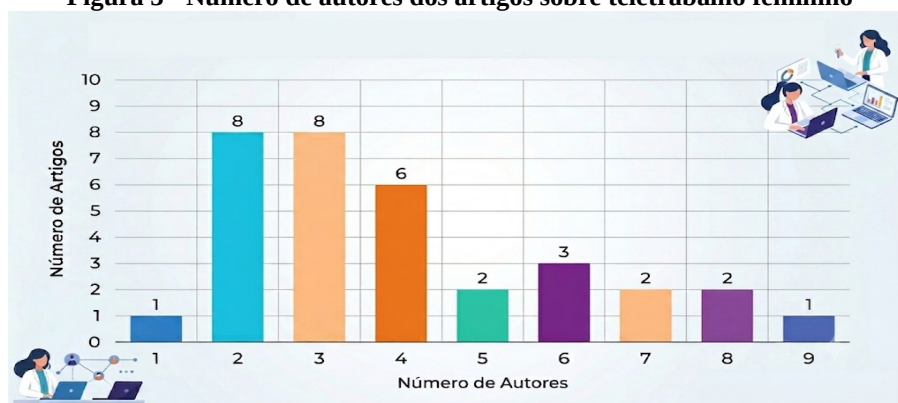
Fonte: Elaborado pelos autores com auxílio da ferramenta de IA Google Gemini (2026).



Segundo resultados obtidos na presente pesquisa, o tema do teletrabalho feminino é um campo de estudo predominantemente liderado e produzido por mulheres. O protagonismo feminino é expressivo, ocupando a vasta maioria tanto na produção total quanto na liderança (primeira autoria) dos artigos. Experiências vivenciadas pelas pesquisadoras, o contexto histórico de invisibilidade e sobrecarga que o gênero feminino enfrenta devido ao trabalho doméstico e familiar, as áreas científicas ligadas às ciências humanas e sociedade que originaram grande parte destes estudos, somado ao período pandêmico que impactou negativamente a produção científica feminina, influenciou diretamente na elevação de estudos que tratam especificamente de questões sobre o mercado de trabalho ligadas ao gênero.

A Figura 3 apresenta dados de análise da composição de autoria dos artigos, revelando amplitude no padrão de colaboração. Observa-se uma pluralidade considerável na estrutura das equipes, com publicações que abrangem desde 01 único pesquisador até grupos de 09 integrantes. O modelo predominante nas pesquisas sobre teletrabalho feminino envolve grupos de 02 a 03 autores, configuração presente em 16 artigos (08 para cada categoria). Esse dado reflete uma forte tendência ao trabalho colaborativo expressa na concentração em coautoria, englobando quase metade do corpus analisado. Conforme anteriormente referido, a incidência de trabalhos individuais é residual, com apenas um artigo assinado de forma solo. No extremo oposto, a alta densidade de colaboradores também é rara, verificando-se apenas 01 caso de publicação com 09 autores.

Figura 3 - Número de autores dos artigos sobre teletrabalho feminino



Fonte: Elaborado pelos autores com auxílio da ferramenta de IA *Google Gemini* (2026)



A Tabela 5, apresentada a seguir, detalha a distribuição quantitativa e percentual do número de autores por artigo científico dentro do *corpus* selecionado para este estudo. Esta organização, disposta em ordem crescente de autoria, permite uma análise mais precisa da densidade de colaboração acadêmica no campo do teletrabalho feminino, evidenciando padrões de produção que variam desde o trabalho individual até grupos de pesquisa extensos. No que tange à dinâmica de colaboração, a pesquisa solitária é uma exceção, presente em apenas 01 artigo. A prática da coautoria é a norma, com forte concentração em grupos de 02 a 03 pesquisadores, que respondem por quase metade da amostra.

Tabela 5 - Número de autores em relação ao número de artigos sobre teletrabalho feminino

Número de Autores	Número de Artigos	Frequência (%)
1 autor	1	3,03%
2 autores	8	24,24%
3 autores	8	24,24%
4 autores	6	18,18%
5 autores	2	6,06%
6 autores	3	9,09%
7 autores	2	6,06%
8 autores	2	6,06%
9 autores	1	3,03%
TOTAL	33	100%

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

A caracterização sociotécnica das equipes de investigação revela um panorama detalhado sobre a estrutura de cooperação e a demografia de gênero na produção científica avaliada. No tocante à densidade de autoria, os dados apontam para uma tendência consolidada de colaboração coletiva, registrando uma média que varia entre 02 e 08 pesquisadores por manuscrito. Esse arranjo reafirma uma cultura científica fundamentada na forte cooperação recíproca, sublinhando, simultaneamente, o protagonismo das mulheres na base SciELO dentro do escopo desta temática. Adicionalmente, identificou-se a proeminência de núcleos de pesquisa essencialmente femininos, uma vez que cerca de 16 trabalhos ou 48%





do *corpus* documental analisado é produzido por grupos compostos exclusivamente por autoras ou que apresentam uma participação masculina estritamente residual.

Ao realizar o cruzamento das variáveis de gênero com outras dimensões analíticas, a exemplo da cronologia das publicações e do perfil dos periódicos, torna-se possível compreender como a participação de gênero se comporta tanto em relação ao tempo quanto às revistas científicas escolhidas para a difusão do conhecimento. Na análise da relação entre gênero e a série temporal, constata-se que a predominância feminina permaneceu constante ao longo dos anos, embora ocorra uma intensificação notável no volume de autoras em períodos específicos.

Esse cenário se altera expressivamente durante o pico da pandemia de COVID 19, nos anos de 2021 e 2022 (Quadro 1), intervalo que registrou uma explosão de autoria feminina, impulsionada majoritariamente por investigações dedicadas à saúde mental docente e aos impactos do teletrabalho na vida das mulheres. Posteriormente, no período de consolidação correspondente aos anos de 2023 e 2024, verificou-se a manutenção da liderança feminina, com foco continuado em temas como maternidade e ciência, além da violência de gênero. Na relação entre gênero e a série temporal, a predominância feminina manteve-se constante, mas nota-se uma intensificação do volume de autoras em anos específicos.

Quadro 1 - Gênero e padrões de autoria dos artigos, por período.

Período	Tendência Observada
Pico Pós-Pandêmico (2021-2022)	Explosão de autoria feminina, especialmente em estudos sobre saúde mental docente e impacto do teletrabalho na vida das mulheres.
Consolidação (2023-2024)	Manutenção da liderança feminina em temas de "maternidade e ciência" e "violência de gênero".

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).





De forma análoga, o exame da relação entre gênero e os periódicos com maior volume de artigos publicados elucida o perfil das equipes de investigação de acordo com a linha editorial de cada revista. Verificou-se que periódicos de áreas correlatas à Saúde Coletiva e à Psicologia operam como os principais polos de escoamento e visibilidade para a produção científica feminina da amostra. Especificamente, a revista *Ciência & Saúde Coletiva* exibe um perfil majoritariamente feminino, concentrando estudos direcionados à saúde do trabalhador, gênero e violência. O mesmo padrão de predominância feminina é observado na *Revista Brasileira de Educação Médica*, cujos eixos centrais giram em torno da formação médica e da saúde mental, e na *Psicologia Organizações e Trabalho*, que prioriza o debate sobre teletrabalho e saúde ocupacional. O periódico *Trabalho, Educação e Saúde*, por sua vez, destaca-se por apresentar um corpo de autoria exclusivamente feminino voltado à docência e aos impactos decorrentes da pandemia.

Para a classificação das abordagens e estratégias de pesquisa dos 33 trabalhos identificados foram considerados como qualitativos os estudos baseados em entrevistas, revisões teóricas e relatos de experiência; como quantitativos aqueles focados em questionários estruturados e análises estatísticas; e como mistos os que combinam ambas as abordagens (como questionários com entrevistas ou análise de conteúdo).

Quadro 2 - Classificação das Abordagens de Pesquisa

Abordagem Metodológica	Número de artigos	Estratégias de pesquisa e instrumentos de coleta de dados
Qualitativa	18	Entrevistas, Grupos Focais, Análise de Conteúdo, Revisão Teórica, Relatos.
Quantitativa	9	Questionários on-line, Análise Estatística.
Mista (Quali-Quanti)	6	Questionários combinados com Entrevistas ou Análise de Conteúdo.
TOTAL	33	-

Fonte: Elaborado pelos autores com auxílio da ferramenta de IA *Google Gemini* (2026)

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 10 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista OWL Journal está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





A análise das abordagens metodológicas e estratégias de pesquisa revela que 54% das publicações privilegiam a vertente qualitativa, recorrendo predominantemente a entrevistas e à análise de conteúdo para explorar subjetividades e vivências. No âmbito quantitativo, o *Google Forms* consolida-se como o instrumento central de coleta de dados, viabilizando o uso da técnica "bola de neve" para a ampliação amostral. Complementarmente, os estudos que adotam métodos mistos buscam a triangulação de dados, fundamentando as métricas estatísticas mediante a densidade analítica proporcionada pelos depoimentos qualitativos, via entrevistas ou grupos focais.

O Quadro 3 apresenta a caracterização das estratégias metodológicas identificadas nos artigos, agrupadas por afinidade e objetivos de pesquisas. A arquitetura metodológica que sustenta este estudo revela a complexidade e a natureza interdisciplinar do campo de investigação sobre o teletrabalho feminino. Conforme apresentado no quadro a seguir, observa-se uma pluralidade de abordagens que transitam entre a coleta de dados primários e a densidade analítica de revisões documentais e teóricas.

Essa diversidade não apenas confere robustez procedimental à análise, mas também reflete a necessidade de integrar diferentes lentes, desde o empirismo estatístico até a crítica social e de gênero, para compreender as dinâmicas de subjetividade, a experiência docente e as transformações nas relações laborais agravadas pelo contexto pandêmico.

Quadro 3 - Grandes Grupos Metodológicos

Categoria	Estratégias
Levantamento e Coleta de Dados Primários	Survey com questionário on-line (majoritariamente, <i>Google Forms</i>) Entrevistas semiestruturadas, estruturadas, não estruturadas e biográficas (on-line e presenciais) Grupos focais Amostragem em bola de neve (<i>Snowball</i>)
Técnicas de Análise de Dados	Análise de conteúdo (incluindo o método de Bardin) Análise temática e de similitude





Categoria	Estratégias
	Análise estatística e quantitativa Análise qualitativa e conceitual Transcrição de gravações para análise
Pesquisa Documental e Bibliográfica	Revisão teórica, conceitual e histórica Revisão Sistemática de Literatura com uso do protocolo PRISMA Análise de séries históricas e dados oficiais Síntese de achados de estudos incluídos
Relato e Descrição de Experiência	Descrição crítica da experiência docente (adaptações, desafios e potencialidades) Descrição da implementação de serviços Análise crítica de diálogos e experiências compartilhadas
Análise Crítica e Teórica	Análise comparativa Análise fundamentada em perspectivas marxistas e crítica de gênero Discussão de informações sobre trabalho remoto durante a pandemia

Fonte: Elaborado pelos autores com auxílio da ferramenta de IA *Google Gemini* (2026)

Os dados demonstram que o campo de estudos sobre teletrabalho feminino não é apenas um nicho acadêmico, mas um campo interdisciplinar que exige múltiplas ferramentas de investigação para ser compreendido a diversidade científica que caracteriza o *corpus* analisado. Ou seja, a agenda de pesquisa sobre teletrabalho feminino possui uma arquitetura metodológica robusta, transitando entre o empirismo direto e a análise teórica aprofundada.

A estrutura metodológica analisada não é monolítica, revelando diversidade e complementaridade ao equilibrar a coleta de dados primários, por meio de *surveys* e entrevistas, com a densidade analítica da Análise de Conteúdo, o que denota uma tendência de triangulação de métodos. Essa abordagem reflete diretamente a prática docente, na qual a relevância da categoria de relato e descrição de experiência se conecta ao ensino remoto como um dos eixos centrais das pesquisas; isso demonstra um caráter auto reflexivo, em que

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 10 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





docentes, majoritariamente mulheres, investigam os impactos do teletrabalho em suas próprias vivências e carreiras.

Para além da descrição dos fenômenos, observa-se uma sólida fundamentação teórica e política impulsionada pela análise crítica e teórica com lentes sociológicas, somada à crítica de gênero, utilizadas para explicar questões complexas como a maternidade e a sobrecarga da tripla jornada. Por fim, o rigor no uso de protocolos aparece na pesquisa documental com a adoção do protocolo PRISMA, sinalizando que uma parcela significativa das publicações alinha-se aos padrões internacionais de revisão sistemática de literatura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo elencar, através da realização de uma pesquisa bibliométrica e de conteúdo, todos os artigos cuja temática envolva questões de teletrabalho e gênero, disponíveis na plataforma SciELO até o ano de 2025, publicados em revistas de origem brasileira e portuguesa, analisando o *corpus* de 33 artigos científicos.

Os resultados bibliométricos demonstram que houve um aumento exponencial entre os anos de 2020 e 2021, certamente relacionados com o período de ascensão da pandemia de COVID-19, sendo que nos anos posteriores, apesar de uma leve queda, a quantidade de artigos publicados manteve-se em certa estabilidade. Verificou-se que a maioria dos artigos publicados são de origem brasileira, bem como o idioma predominante é o português, indicando que o público-alvo dos mesmos são os países de cultura lusófona. Notou-se uma elevada descentralização editorial, confirmando a natureza multidisciplinar das pesquisas realizadas sobre o teletrabalho quando ligado diretamente a questões de gênero.

A prevalência feminina identificada na relação entre autoria e gênero nos artigos demonstra que as pesquisas relacionadas à teletrabalho e gênero são majoritariamente e em larga escala, desenvolvidas por mulheres, sejam em grupos formados exclusivamente por mulheres, ou então, sejam em grupos mistos mas que tenham como primeira autoria mulheres. Isso deve-se ao contexto histórico de sobrecarga e invisibilidade das tarefas geralmente e em





ampla maioria designadas para as mulheres, além do período da pandemia que impactou profundamente a produção científica pelo gênero feminino, e com isso, contribuiu com a elevação de estudos voltados às questões de trabalho e gênero por parte das mulheres. A identificação de pesquisas cuja temática abrange saúde mental docente, os impactos do teletrabalho na rotina das mulheres, questões de maternidade, ciência e violência de gênero reforçam a relevância de estudos que tenham como objetivo compreenderem as dinâmicas de trabalho no período pós-pandemia, bem como, quais caminhos podem ser percorridos para um mercado de trabalho mais justo e igualitário para o gênero feminino.

Como limitações da presente pesquisa, destaca-se o recorte exclusivo em apenas uma base de dados, no caso, a biblioteca SciELO, que apesar de sua relevância no campo científico, não é a única base disponível. Para estudos futuros, recomenda-se a investigação em outras bases de dados científicas, focadas em artigos científicos, visando a ampliação e o aprofundamento nesta relevante temática, considerando que os novos formatos de trabalho desenvolvem-se à passos largos em conjunto com a tecnologia, e com isso, as questões de igualdade de gênero merecem atenção especial no campo científico.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Este trabalho foi realizado com apoio do Centro de Ciências Agrárias da UFSCar (CCA) - projeto FAI RTI-CCA.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sara Fabiana Bittencourt de. *et al.* O teletrabalho e as mulheres: percepções da conciliação da vida profissional e familiar. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 836–850, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/88189/82930>. Acesso em: 19 ago. 2026.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 10 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista OWL Journal está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





ARAÚJO, Sâmella Arruda. *et al.* Teletrabalho (telework): uma prospecção para a editora universitária da UFPB. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. esp., p. 132-151, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/42611/99540>. Acesso em: 11 ago. 2026.

ATKINSON, Christopher L. A review of telework in the COVID-19 pandemic: lessons learned for work-life balance? **COVID**, [s. l.], v. 2, n. 10, p. 1400–1414, 2022. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2673-8112/2/10/101>. Acesso em: 18 ago. 2026.

BAILEY, Diane E.; KURLAND, Nancy B. A review of telework research: findings, new directions, and lessons for the study of modern work. **Journal of Organizational Behavior**, [s. l.], v. 23, n. 4, p. 383–400, 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/job.144>. Acesso em: 30 ago. 2026.

BARUCH, Yehuda. The status of research on teleworking and an agenda for future research. **International Journal of Management Reviews**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 113-129, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1468-2370.00058>. Acesso em: 11 ago. 2026.

BOHNET, Iris. **What works: gender equality by design**. Cambridge: Harvard University Press, 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctvpbnqch>. Acesso em: 26 ago. 2026.

BLOOM, Nicholas. *et al.* **Remote work across jobs, companies and space**. London: Centre for Economic Performance, 2023. (Discussion Paper). Disponível em: <https://researchonline.lse.ac.uk/id/eprint/121302/>. Acesso em: 26 ago. 2026.

BRYSON, Valerie. Time, power and inequalities. In: HOM, Andrew. *et al.* (org.). **Time, temporality and global politics**. Bristol: E-International Relations Publishing, 2016. p. 48–61. Disponível em: <https://www.e-ir.info/publication/time-temporality-and-global-politics/>. Acesso em: 19 ago. 2026.

CASTRO, Bárbara; ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; KREIN, André Eduardo Becker. O trabalho em domicílio no Brasil pré-pandemia: mudanças no setor de atividade e no perfil das/os trabalhadoras/es. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 39, n. 3, p. 1–27, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/53040>. Acesso em: 20 ago. 2026.





CHUEKE, Gabriel Vouga; AMATUCCI, Marcos. O que é bibliometria? uma introdução ao fórum. **Internext**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 1–5, 2015. Disponível em: <https://internext.espm.br/internext/article/view/330>. Acesso em: 25 ago. 2026.

CHUNG, Heejung; SEO, Hyojung. Flexibility stigma across Europe: how national contexts can shift the extent to which flexible workers are stigmatised. **Social Indicators Research**, [s. l.], v. 174, n. 3, p. 945–965, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11205-024-03420-w>. Acesso em: 26 ago. 2026.

CHUNG, Heejung; VAN DER HORST, Mariska. Flexible working and unpaid overtime in the UK: the role of gender, parental and occupational status. **Social Indicators Research**, [s. l.] v. 151, n. 2, p. 495–520, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11205-018-2028-7>. Acesso em: 26 ago. 2026.

ÇOBAN, Sibel. Gender and telework: work and family experiences of teleworking professional, middle-class, married women with children during the Covid-19 pandemic in Turkey. **Gender, Work & Organization**, [s. l.], v. 29, n. 1, p. 241–255, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/gwao.12684>. Acesso em: 26 ago. 2026.

EUROSTAT. **Employed persons working from home as a percentage of the total employment, by sex, age and professional status**. Luxembourg: Eurostat, 2026. Disponível em: https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/view/lfsa_ehomp_custom_22456551/default/table. Acesso em: 20 ago. 2026.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (Fapesp). **Scientific Electronic Library Online**. São Paulo: Fapesp, 2024. Disponível em: <https://fapesp.br/scielo>. Acesso em: 11 ago. 2026.

GAJENDRAN, Ravi S.; HARRISON, David A. The good, the bad, and the unknown about telecommuting: meta-analysis of psychological mediators and individual consequences. **Journal of Applied Psychology**, [s. l.], v. 92, n. 6, p. 1524–1541, 2007. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0021-9010.92.6.1524>. Acesso em: 26 ago. 2026.

GÁLVEZ, Ana; TIRADO, Francisco; MARTÍNEZ, M. José. Work–life balance, organizations and social sustainability: analyzing female telework in Spain. **Sustainability**, [s. l.] v. 12, n. 9, p. 1–21, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su12093567>. Acesso em: 26 ago. 2026.





GRAVE, Rita. *et al.* **Livro branco:** Recomendações para a Promoção da Igualdade de Género na Conciliação de Teletrabalho e Coabitação em Portugal. Porto: FPCEUP, 2024. Publicação produzida no âmbito do projeto HomeWork: des/igualdades de género na conciliação de teletrabalho e coabitação. Disponível em:

<https://homework.fpce.up.pt/wp-content/uploads/sites/975/2024/03/Livro-Branco-HomeWork-1.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2026.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595–609, 2007. Disponível em:

<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/344> Acesso em: 19 ago. 2026.

KULAK, Fulya Aydınli; TÜZÜNER, Vala Lale. A comparative analysis of flexible working patterns in Germany and Turkey. **Research in Business and Social Science**, Istanbul, v. 9, n. 4, p. 01–14, 2020. Disponível em:

<https://www.ssbfnct.com/ojs/index.php/ijrbs/article/view/714>. Acesso em: 11 ago. 2026.

LANTYER, Victor Habib. Teletrabalho e home office no contexto do coronavírus (covid-19).

Jusbrasil, 2020. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/teletrabalho-e-home-office-no-contexto-do-coronavirus-covid-19/832798924>. Acesso em: 11 ago. 2026.

MAGALHÃES, Pedro. *et al.* **O impacto social da pandemia:** estudo ICS/ISCTE Covid-19. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2020. Relatório de pesquisa.

Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/entities/publication/a67600f6-3f56-4fc5-9ec9-0223f42693d2>. Acesso em: 18 ago. 2026.

MOEN, Phyllis; FAN, Wen; KELLY, Erin L. Team-level flexibility, work–home spillover, and health behavior. **Social Science & Medicine**, [s. l.], v. 84, p. 69–79, 2013. Disponível em:

<https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2013.02.011>. Acesso em: 26 ago. 2026.

NAKAMURA, João. Trabalho remoto mais que dobrou em 10 anos, mas caiu após pandemia, mostra IBGE. **CNN Brasil, Economia**, São Paulo, 2024. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/seu-bolso/empreendedorismo-e-trabalho/trabalho-remoto-mais-que-dobrou-em-10-anos-mas-caiu-apos-pandemia-mostra-ibge/>. Acesso em: 20 ago. 2026.

NILLES, Jack M. Traffic reduction by telecommuting: a status review and selected bibliography. **Transportation Research Part A: General**, [s. l.], v. 22, n. 4, p. 301-317, 1988. Disponível em:





<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0191260788900088?via%3Dihub>.

Acesso em: 29 jul. 2026.

OFFER, Shira; SCHNEIDER, Barbara. Revisiting the gender gap in time-use patterns: multitasking and well-being among mothers and fathers in dual-earner families. **American Sociological Review**, [s. l.], v. 76, n. 6, p. 809–833, 2011. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0003122411425170>. Acesso em: 19 ago. 2026.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Novo relatório destaca oportunidades e desafios na expansão do trabalho a distância**. Genebra, OIT, 2017.

Disponível em: <https://www.ilo.org/pt-pt/resource/news/novo-relat%C3%B3rio-destaca-oportunidades-e-desafios-na-expans%C3%A3o-do-trabalho>. Acesso em: 11 ago. 2026.

OURO, Marisa. O teletrabalho: uma análise comparativa do regime jurídico-laboral português e espanhol. **Revista Jurídica Portucalense**, [s. l.], n. 31, p. 197–217, 2022. Disponível em:

<https://revistas.rcaap.pt/juridica/article/view/26415>. Acesso em: 19 ago. 2026.

ROCHA, Cháris Telles Martins da; AMADOR, Fernanda Spanier. O teletrabalho: conceituação e questões para análise. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p.

152-162, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v16n1/1679-3951-cebape-16-01-152.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2026.

ROSENFELD, Cinara L.; ALVES, Daniela Alves. Autonomia e trabalho informacional: o teletrabalho. **DADOS - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 207-233,

2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/TmT3ZyzYNFsd4qMPfvhy6cp/?lang=pt>. Acesso em: 11 ago. 2026.

SORJ, Bila. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 15, n. 43, p. 25–34, 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/944CbknP3bTQ3v3tkvfVQ5h/?lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2026.

SULLIVAN, Cath; LEWIS, Suzan. Home-based telework, gender, and the synchronization of work and family: perspectives of teleworkers and their co-residents. **Gender, Work & Organization**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 123–145, 2001. Disponível em:

<https://doi.org/10.1111/1468-0432.00125>. Acesso em: 26 ago. 2026.

VICENTE, Teresa Aracena; ROTENBERG, Lucia. Home-office e desigualdades de gênero entre docentes universitários na pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Ciências**



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



Sociais, [s. l.], v. 38, n. 111, p. 1–21, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/jDNyvhMfrL5tCqw5MMQLb5Q/?lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2026.

Recebido em: 02/09/2026

Aprovado em: 18/09/2026

Publicado em: 01/10/2026

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 10 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

